

NÚMERO ESPECIAL POÉTICAS DOS LIMITES

APRESENTAÇÃO

No ano de 2019 uma exposição na Bibliothèque Nationale de France (BNF), intitulada « Manuscrits de l'extrême » (Manuscritos do extremo), interrogava as nossas emoções em estado limite a partir, nomeadamente, de cinco eixos temáticos: aprisionamento, perigo, angústia, loucura e paixão. Nela constava uma grande variedade de manuscritos, de personalidades ou escritores célebres, como Blaise Pascal, Marquês de Sade, Napoleão, Nathalie Serrault etc., mas também de homens, mulheres e crianças anônimas, que testemunham aos nossos dias situações de vida extremas. Longe da imagem do manuscrito como fonte de saber, os traços ali expostos portavam o protesto humano quando esta mesma humanidade se encontrava ameaçada. A escritura ali se torna reflexo da sobrevivência diante da solidão, notadamente quando somos confrontados à angústia, ao isolamento, ao luto, ao sentimento passional, ao medo da morte próxima ou aos estados de consciência paralela. O humano parece assim habitar os limites do ser, e a arte, figurada nesses manuscritos, surge como aquilo que expõe os limites definidores da forma do que é o humano, justamente em sua borda, ou melhor, em seu desbordamento.

O número especial da Revista *Perspectiva Filosófica* da UFPE (Universidade Federal do Pernambuco) “Poéticas dos Limites” retoma esta questão no contexto do confinamento ocasionado pelo Covid-19, quando no final do ano de 2021 e início de 2022 convidou pesquisadores de campos distintos a refletirem sobre a capacidade e os limites da produção artística recente (literária, plástica ou musical), a pensar ou a ritualizar os embates emotivos do contemporâneo (o íntimo e o comum; o exterior e o interior; o estado e o sujeito; a subjetividade e objetividade; o real e a ficção, etc).

Nos três primeiros artigos que compõem o número especial, vemos um exercício de leitura de poetas contemporâneos da cena brasileira mais recente, preocupados com sensibilidades que surgem de espaços reais e virtuais que desapropriam o sujeito. Por vezes, até mesmo os corpos se ausentam, e tal desaparecimento também provoca a perda de lugar que o sujeito nele

anteriormente ocupava. Ou seja, o espaço que ocupávamos no corpo do outro, agora perdido, é ensaiado em outro lugar, na escrita ou na arte, que procura justamente restituí-lo, embora precariamente, ou melhor, em diferimento. Assim, a perda, a ausência, do outro e de si mesmo ante às novas tecnologias, à hostilidade do espaço latino-americano, ou ao luto, são tematizadas nas obras poéticas selecionadas pelos textos críticos que abrem este número especial.

O artigo “Figurações dos limites: o corpo e a escrita em “dois [lugares onde eu não estou]”, de Paloma Vidal”, de autoria de Rita Lenira Bittencourt, parte do pressuposto de Jean-Luc Nancy ao afirmar que vivemos em um tempo de potencialização do lugar do limite. Para a pesquisadora é possível localizar esta tensão ocasionada pelo tempo no livro *dois [lugares onde não estou]*, de Paloma Vidal, em diversas formas, como afirma Bittencourt: “entre a poesia e a prosa, o virtual e o textual, a inércia e o movimento, ou, como o próprio título insinua, entre um “eu” e um dizer do “eu” que é, no mínimo, duplo”. Este Outro é interpelado em seus deslocamentos subjetivos, inclusive o eu poético se desloca, e nesse jogo as vozes são espectros em busca do que Bittencourt nomeará *excrição*.

Ainda sobre poesia contemporânea, a leitura crítica de Maria Salete Borba, em estudo intitulado “Reflexões sobre a sobrevivência a partir da poesia de Josely Vianna Baptista, dos desenhos de Francisco Faria”, se estabeleceu nas bordas entre arte e literatura. Borba tece leituras sobre poema “onde o céu encontra a terra”, de Josely Vianna Baptista, e uma série homônima de desenhos do artista visual Francisco Faria, e reflete sobre o tema da sobrevivência tanto no poema e como nos desenhos, pensando sobre os significados e pertinência do tema no espaço latino-americano. Com tal gesto, a crítica alcança o atravessamento da própria noção de poesia. Para a estudiosa, ecoando as palavras de Jean-Luc Nancy, a poesia está não apenas no texto, mas em “tudo o que há de elevado e tocante”.

Rodrigo J. Ribeiro Neves, no artigo “Roland Barthes e Carlito Azevedo nas bordas da escrita” também se dedicou ao estudo da poesia contemporânea ao debruçar-se sobre o livro *Monodrama*, de Carlito Azevedo, em um poema que tematiza a morte da mãe. Em um gesto comparativo, coteja a obra de Azevedo ao *Diário de luto*, de Roland Barthes, e observa na obra do

autor francês, fruto dos fragmentos dos seus dias de luto em 1977, quando perde a mãe, um trabalho de mão dupla. Barthes ao mesmo tempo em que procura lidar com o sofrimento através da escrita, também é atravessado pela escritura, e dela deriva um sujeito desbordado pela perda. A linguagem, para o crítico, “dramatiza a dilaceração do indivíduo”. Movimento este que evita o fim diante da dor, e a escrita neste cenário surge como borda, bote salva-vidas, que retém a dissolução do sujeito ante o desaparecimento do ente amante/amado.

Já saindo da tópica da poesia contemporânea, mas permanecendo no inapreensível do trânsito quando se alcança aquilo que se assemelha ao fim, ao limite, Fernanda Borges e Ricardo Barberena propõem justamente pensar os limites como limiares na poética interartes de Valêncio Xavier, a qual, para os autores, “escancara o hibridismo contemporâneo”, quando opta por fazer uso de fotografia, mapas, anúncios publicitários, panfletos, desenhos, etc., compondo a sintaxe visual e verbal do nominado *Frankenstein* de Curitiba. No artigo “No limite das artes, da ficção, da escritura: a obra de Valêncio Xavier” compreendemos que o desbordamento de limites se dá no trânsito irreverente pelos diversos meios de arte, do erudito ao popular, mas também entre a realidade e a ficção, e para tal, os estudiosos se debruçam sobre várias obras de Valêncio Xavier, no objetivo de refletir sobre os limiares da criação artística.

No ensaio intitulado "O trabalho das luzes: os letreiros luminosos na obra de Regina Parra", Ana Paula Freitas de Albuquerque e André Cechinel discutem o vínculo entre propaganda, exclusão e exílio conforme retratados no trabalho da artista. Como afirmam os autores, "o trabalho das luzes de Regina Parra é também o trabalho das sombras, daquilo que está oculto, que foi desprezado na nossa constituição histórica e que, no entanto, está impregnado na nossa estrutura social". A investigação dos letreiros de Parra, portanto, revela os conflitos ou o descompasso entre uma publicidade luminosa que muito brilha, mas que convive lado a lado com as pequenas sombras de indivíduos que, dada a sua incapacidade de irradiar num regime 24/7, convivem com o apagamento contínuo de sua existência.

Situado na mesma esfera de um capitalismo crescentemente atencional, Pablo Fontoura, por sua vez, no artigo "Os limites da visão estética"

[The Limits of Aesthetic Seeing], examina o conceito de percepção visual a partir de uma perspectiva ao mesmo tempo cognitiva e estética, com o intuito de investigar os limites da atenção visual. Por meio de uma pesquisa empírica que utiliza o rastreamento ocular como forma de observar os procedimentos do comportamento visual humano em uma exposição de artes, o autor indica como a compreensão "[...] dos mecanismos de atenção encoberta e seu impacto na percepção pode levar a insights sobre como experimentamos o mundo esteticamente em vários contextos". Em poucas palavras, o estudo do conceito de atenção visual, quando associado a eventos estéticos, é capaz de oferecer informações importantes até mesmo para os artistas, que podem se valer dos achados para expandir criativamente o campo de suas práticas.

Por fim, nos artigos que fecham este número especial, a arte contemporânea do outro lado do globo torna-se objeto de descrição e análise. São temas de reflexões os fenômenos estéticos que surgem no cenário do confinamento na Rússia, que por vezes encerram estes sujeitos, já encarcerados, no mesmo círculo alienante e/ou familiar.

Assim, no campo das consequências político-estéticas da pandemia da Covid-19, o artigo de Daria Zhurkova, "Acabaram as festas: a música pop russa no contexto do auto-isolamento" [No more parties: Russian pop music in the context of self-isolation], investiga os três tipos fundamentais de canções que mais circularam durante a pandemia na Rússia - músicas de cunho político, romântico e cotidiano -, avaliando "[...] padrões de enredo e sonoridade que são consistentes com a situação extrema ou, inversamente, que tentam ignorá-la". Embora as músicas analisadas tenham servido ao propósito de oferecer um alívio passageiro ou terapêutico às ameaças trazidas pelas incertezas epidêmicas, do ponto de vista estético, segundo a autora, não há nada de muito novo no horizonte, e a indústria de videocliques, por exemplo, dificilmente trará alguma "mudança estética significativa" como desdobramento da pandemia.

Por sua vez, artigo de Alexandra L. Yurgeneva, intitulado "#izolyatsiya: criatividade como um método de socialização" [#izoizolyatsiya: creativity as a method of socialization], analisa uma das formas mais populares de entretenimento na Rússia durante a pandemia, o desafio *Izoizolyat-*

siya, um tipo de "[...] *flash mob* [que] acumulou características das tradições de tableaux, pintura, fotografia e características específicas das redes sociais". Segundo a autora, o *flash mob* funcionou como uma forma de compensação para o isolamento e a falta de comunicação durante a pandemia, contribuindo para que as famílias, inclusive, pudessem inaugurar novas formas de sociabilidade entre os seus membros.

Finalmente, no artigo que encerra o presente número especial, "Museus online como uma obra de arte complexa" [Online Museums as a Complex Work of Art], Evallyo Violetta Dmitrievna analisa a diversidade visual e as várias estratégias de comunicação que compõem a experiência de visitação online dos museus russos, de modo a aproximar esses museus justamente, como o título do artigo indica, de uma obra de arte complexa, cujos traços centrais são a integração de diferentes mídias, a variabilidade dos modos de comunicação, a manipulação gamificada dos objetos em exibição e, em alguns casos, a conceitualidade exagerada. Como assinala a autora, embora os museus online, como forma, estejam mais próximos da experiência das mídias de telas do que efetivamente do museu tradicional, "o museu moderno é um organismo complexo, integrado no ambiente sócio-cultural, pronto para novos tipos de comunicação e formas de 'vida'".

Agradecemos à professora, artista e editora da revista, Loraine Oliveira, que nos fez o generoso convite para organizar este número especial, e ao professor e editor Marcos Silva, bem como a toda equipe da Revista *Perspectiva Filosófica*, que pacientemente acolheu a proposta aqui concretizada. Agradecemos especialmente às/aos pesquisadoras/es que mantiveram suas contribuições conosco, no decorrer dos anos em que este trabalho foi proposto, modificado e confeccionado, ante os altos e baixos do que coletivamente, mas também individualmente, atravessamos em anos pandêmicos. Desejamos a todas/os boas leituras.

Keli Pacheco
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

André Cechinel
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Leonardo Tonus
Sorbonne Université

Editores Convidados

SUMÁRIO

NÚMERO ESPECIAL POÉTICAS DOS LIMITES

FIGURAÇÕES DOS LIMITES: o corpo e a escrita em “dois [lugares onde eu não estou]”, de Paloma Vidal.....1

Rita Lenira de Freitas Bittencourt

REFLEXÕES SOBRE A SOBREVIVÊNCIA A PARTIR DA POESIA DE JOSELY VIANNA BAPTISTA, DOS DESENHOS DE FRANCISCO FARIA.....16

Maria Salete Borba

ROLAND BARTHES E CARTILO AZEVEDO NAS BORDAS DA ESCRITA.....33

Rodrigo Jorge Ribeiro Neves

NO LIMITE DAS ARTES, DA FICÇÃO, DA ESCRITURA: a obra de Valêncio Xavier.....47

Fernanda Borges; Ricardo Barberena

O TRABALHO DAS LUZES: os letreiros luminosos na obra de Regina Parra.....72

Ana Paula Freitas de Albuquerque; André Cechinel

THE LIMITS OF AESTHETIC SEEING.....92

Pablo Fontoura

“NO MORE PARTIES”: Russian pop music in the context of self-isolation.....109

Daria Zhurkova

#IZOIZOLYATSIYA: creativity as a method of socialization.....131

Alexandra L. Yurgeneva

ONLINE MUSEUMS AS A COMPLEX WORK OF ART.....150

Evallyo Violetta Dmitrievna